

Clearly Campos? Sobre a Atribuição Literária

Jerónimo Pizarro

Universidad de los Andes

Resumo: Este artigo trata da complexidade das questões levantadas pela atribuição literária, relativamente a um autor, Fernando Pessoa, que continua, a este e outros respeito, a suscitar controvérsia. Pessoa terá inventado pelo menos 136 autores fictícios (cf. *Eu Sou Uma Antologia*, 2013), mas poucas vezes assinou os textos das figuras, personagens e heterónimos inventados, o que obriga a discutir os critérios que os críticos têm para atribuir um texto do colossal espólio pessoano a um autor X ou a um autor Y, isto é, para começar a construir as obras individuais de cada autor fictício, labor que ainda, em 2014, não foi concluído.

Palavras-chave: Pessoa, Autoria, Edição, *Prosa de Álvaro de Campos*.

Abstract: This article deals with the complex questions raised by literary attribution related to Fernando Pessoa who continues, in this and other matters, to cause controversy. Pessoa invented at least 136 fictional authors (*I am an Anthology*, 2013), but he seldom signed the texts of his invented figures, characters and heteronyms, which impels a discussion on the criteria critics use to attribute a text of Pessoa's colossal legacy to one or another author, in such a way as to commence the construction of the individual works of each fictional author, effort which is not yet, in 2014, concluded.

Keywords : Pessoa, Authorship, Editing, *Prosa de Álvaro de Campos*

Dios mueve al jugador, y éste, la pieza.
¿Qué Dios detrás de Dios la trama empieza
de polvo y tiempo y sueño y agonías?
Jorge Luis Borges (2005: II, 203)

O editor de Fernando Pessoa ou de “Fernando Pessoa & C.^a heterónima” – para evocar o título de um livro de ensaios de Jorge de Sena – é, com frequência, o editor das obras conjecturais de uma série de figuras imaginárias. Assim, quem publica a poesia ou a prosa de Alberto Caeiro, Ricardo Reis ou Álvaro de Campos, ou a obra de António Mora ou de Jean Seul de Méluret, ou o livro de Vicente Guedes e de Bernardo Soares, entre outros, publica os textos que conjectura serem atribuíveis a essas figuras que Pessoa confeccionou sob a forma de “pessoas-livros”.¹ Mas em que critérios baseia o editor a sua conjectura? A esta questão serão dedicadas as páginas seguintes, nas quais vou citar alguns textos do espólio pessoano em que o nome de um autor está ausente – mais do 90% do total – e não aqueles outros textos em que o nome de um autor está presente – menos do 10 % do total –, já que os primeiros deixam a questão da autoria em aberto e costumam gerar muito mais equívocos. Tal não significa que os textos assinados ou dotados de um nome de autor (manuscrito ou dactilografado) não gerem equívocos – basta lembrar o equívoco que gerou o nome de Coelho Pacheco, por exemplo (a este respeito, ver Galhoz 2007; Lopes 2011a e 2011b). Quer apenas dizer que os textos sem uma assinatura ou sem um nome de autor, isto é, os textos em que a autoria não é explícita, tendem a gerar muitos mais mal-entendidos; nomeadamente quando esses textos fazem parte de um espólio “plural como o universo”², isto é, de um espólio múltiplo ou “cheio de gente”³, como Antonio Tabucchi se referiu ao baú pessoano. Porque o afirmo eu? Porque se no espólio de um escritor X encontrarmos um texto não assinado, podemos sempre deixar em *stand by* a plena certeza acerca da autoria do texto, até não nos restarem mais dúvidas; mas se no espólio de Pessoa localizarmos um texto sem assinatura, temos, à partida, de estar munidos da mesma dúvida metódica, mas, além disso, temos de conceber um número de “suspeitos” muito mais elevado do que a média, porque o autor do texto pode ser Fernando Pessoa, ou outra pessoa

real (como Coelho Pacheco), ou uma das dezenas de pessoas inventadas por Pessoa. O espólio pessoano é uma autêntica mascarada, um elenco de máscaras fabricado por uma pessoa cujo apelido, etimologicamente, significa máscara. Daí que seja tão difícil destrinçar as “obras ortónimas” das “obras heterónimas”⁴ e construir as obras individuais das muitas (quantas, verdadeiramente?⁵) personagens ideadas por Fernando Pessoa.

Ora, em que critérios baseia um editor a sua conjectura acerca da autoria de um texto? Será que os mesmos critérios que servem para defender que um autor real é o autor de um determinado texto servem também para defender que um autor fictício o seja? Para responder à primeira pergunta, que se poderia desdobrar na segunda e em muitas outras, vou propor uma distinção entre conjectura baseada num testemunho e conjectura baseada no engenho. Esta distinção deriva de uma outra mais clássica: em crítica textual distingue-se a emenda que um editor faz baseando-se num testemunho textual, da emenda que poderá também fazer na ausência deste, baseando-se exclusivamente no seu juízo crítico (*emendatio ope codicum vs. emendatio ope ingenii*). Com esta distinção não pretendo sugerir que uma atribuição seja uma qualquer forma de emenda – embora possa ser vista como tal –, mas que a atribuição de um texto pode também basear-se num testemunho ou no engenho. Assim, um editor pode atribuir um texto a Pessoa ou a Pessoa/Search, por exemplo, se existem dois ou três testemunhos do mesmo texto e em pelo menos um deles estiver inscrito o nome de Pessoa ou de Search; por outro lado, pode ainda arriscar essa atribuição baseando-se na sua inteligência crítica, se todos os testemunhos ou o único testemunho disponível carecerem de uma assinatura ou de um nome de autor. De alguns poemas de Alexander Search existem, de facto, múltiplos testemunhos, sendo que em pelo menos um dos testemunhos consta o nome do autor no cimo ou no fundo da página, o que permite atribuir, com relativa segurança, esses poemas a Search a partir de apenas um deles. Todavia, muitos outros poemas de Search – que foram conservados num ou vários testemunhos – existem sem a “abertura” ou o “fecho” de uma assinatura ou de um nome de autor, o que obriga, em princípio, a que seja o engenho do editor a sustentar e decidir essa atribuição. Esta última situação é, sem dúvida, a mais espinhosa. Se o editor localiza pelo menos uma vez o nome de Search num testemunho de um texto, a atribuição é

relativamente pacífica; e digo relativamente, porque no caso de Alexander Search, herdeiro de Charles Robert Anon, poder-se-á encontrar o mesmo poema assinado por Search e por Anon. Mas se o editor não localizar o nome de Search uma única vez no testemunho ou testemunhos de um poema, em que critérios poderá basear a sua conjectura sobre a autoria do texto?

Antes de continuar, convém esclarecer que Pessoa não mudava de letra quando escrevia um texto ortónimo ou heterónimo, e que, num sentido material ou paleográfico, um texto de Search é também um texto de Pessoa/Search, pois o autor fictício e o autor real escreviam da mesma forma e, por assim dizer, com a mesma caneta. Isto é importante porque quando se atribui um texto a Alexander Search também se atribui esse texto, indirectamente, a Fernando Pessoa. O que isto indica é que no caso do espólio pessoano, depois de “autenticar” ou reconhecer como verdadeiro um autógrafo, a questão da autoria ainda não está totalmente resolvida, porque ainda falta estabelecer se o texto foi escrito por Pessoa para ser assumido pelo próprio autor (ortónimo) ou por Pessoa para ser assumido por outro autor (heterónimo). E esta questão não é totalmente pacífica, porque frequentemente acontecia o próprio Pessoa não saber à partida quem era ou podia ser o autor do que estava a escrever, já que a despersonalização é um processo e a atribuição de um texto a um autor fictício costuma ser um dos resultados mais importantes da própria escrita que não chega a ser concludente. Um texto pode ficar na “fronteira” Search/Pessoa, por exemplo, fronteira que, aliás, era muito porosa, posto que Pessoa só se diferencia realmente de Caeiro, Campos e Reis, e não tanto – ou não muito – de Search ou de outras figuras, tais como Seul, Mora, Guedes ou Soares.

Estes esclarecimentos permitem-nos evocar um dos textos mais célebres de Pessoa, em que este confessa as limitações do seu discernimento espiritual:

Ha accidentes no meu distinguir uns de outros que pesam como grandes fardos no meu discernimento⁶ espiritual. Distinguir tal composição musicante de Bernardo Soares de uma composição⁷ de equal theor que é a minha.....

Ha momentos em que o faço repentinamente, com uma perfeição de que pasmo; e pasmo sem immodestia, porque, não crendo em nenhum fragmento de liberdade humana, pasmo do que se passa em mim como pasmaria do que se passasse em outrem – em dois estranhos.

Só uma grande intuição pode ser bussola nos descampados da alma; só com um sentido que usa da intelligencia, mas se não assemelha a ella, embora nisto com ella se funda, se pode distinguir estas figuras de sonho na sua realidade de uma a outra. (16-59^r; in *Livro do Desasocego*, Pessoa 2010: I, 456)

A obra pessoana está, portanto, entre as obras mais importante do século XX, e não só no que respeita à reformulação da questão da atribuição literária. É importantíssima não tanto porque textos de outros autores (Pacheco, Kamenesky, Wilde, Espanca, Leal) já chegaram a ser erroneamente atribuídos a Pessoa⁸, ou porque existam muitos textos apócrifos na internet,⁹ mas porque dentro da obra pessoana há espaço para dezenas de autores, porque esses autores algumas vezes “cederam” os seus textos a outros, porque Pessoa nem sempre chegou a distinguir umas “figuras de sonho” de outras, porque a maior parte dos autógrafos pessoanos não tem uma assinatura ou um nome de autor, porque alguns textos têm revelado um “carácter migratório”,¹⁰ sendo publicados quer num livro, quer noutra¹¹, e porque, em geral, a construção póstuma da obra pessoana tem dependido imenso de atribuições póstumas. Portanto, esta obra é, a meu ver, a mais idónea para revisitar a questão da atribuição literária. (Sobre as mudanças que sofreram algumas atribuições, veja-se o Apêndice.)

Para além disso, devemos ainda focar a dimensão ficcional do “drama em gente”.¹² A obra de Fernando Pessoa é “toda uma literatura”,¹³ que nos faz lembrar os versos de Borges: “Dios mueve al jugador, y éste, la pieza. ¿Qué Dios detrás de Dios la trama empieza de polvo y tiempo y sueño y agonías?” (2005: II, 203). Admitindo que Fernando Pessoa criou Alberto Caeiro, e que Alberto Caeiro se tornou o mestre de Pessoa,¹⁴ foi Pessoa Deus, jogador ou peça? Ou foi, então, todos eles, como na célebre peça de Luigi Pirandello? E se foi todos e nenhum, como editar, partindo das arcas de Nenhum, as obras de Todos? E como distinguir as obras alheias das obras próprias, se o próprio Pessoa não chegou a fazê-

lo e talvez nunca pudesse tê-lo feito? Ontologia e filologia não estão muito distantes quando pensamos a obra pessoana, e este é um dos seus inegáveis fascínios.

Mas fiquemos pela filologia e vejamos alguns casos concretos.

Quando editava, com Antonio Cardillo, a *Prosa de Álvaro de Campos*, perguntei a vários colegas que textos do espólio de Fernando Pessoa achavam atribuíveis a Álvaro de Campos; e durante algum tempo troquei *e-mails* com vários deles para discutirmos as atribuições propostas, que às vezes partiam de uma “grande intuição”, como sugere o apontamento de Pessoa, mas que se baseavam menos nessa intuição do que em argumentos. Afinal, contra-argumentar é mais fácil do que rebater intuições. Lancei esse repto, mas lancei-o depois de nos termos familiarizado com os textos em que a atribuição a Campos era mais explícita ou pacífica. Isto é, glosando o título de um poema na “fronteira” Reis/Campos, intitulado (por Pessoa? pelos editores da Ática?) *Clearly non-Campos*,¹⁵ lancei o repto de procurar o *Maybe Campos* depois de ter estabelecido o *Clearly Campos*. E durante algum tempo discutimos se certos textos eram *Clearly*, *Clearly non* ou *Maybe Campos*. Esta poderá parecer uma tarefa pouco “científica”, mas, de facto, ontologia e filologia são indissociáveis quando o que desejamos é pensar Pessoa. O próprio Pessoa deixou algumas atribuições em aberto (no cabeçalho do primeiro texto do espólio lê-se: “A[lvaro] de C[ampos] (?) ou L[ivro] do D[esasocego] (ou outra cousa qualquer)”, Pessoa 2010: I, 475), e a questão da atribuição autoral nunca foi uma questão de ordem meramente científica. Foi a minha experiência enquanto editor da *Prosa de Álvaro de Campos* que me levou a escrever estas páginas e é essa experiência que espero que contribua para responder à pergunta inicial: em que critérios baseia um editor a sua conjectura sobre o autor de um texto?

Acrescento mais uma breve observação, antes de avançar um pouco mais: o esquema referido – *Clearly Campos*, *Clearly non-Campos* e *Maybe Campos* – é, na verdade, um esquema que se pode aplicar a qualquer autor (podemos imaginar um *Clearly Guedes*, *Clearly non-Guedes* e *Maybe Guedes*, tal como outros) e é um esquema que já foi adoptado, com variações, em certas edições. Assim, tanto Cleonice Berardinelli como Teresa Rita Lopes, embora discordem acerca de várias atribuições, separam alguns poemas do núcleo “forte” de Campos, por motivos diversos. Berardinelli separa os poemas com atribuição dos

poemas sem atribuição; Lopes, por sua vez, reúne-os, quase no que se poderia denominar uma angústia da atribuição mas deixa, por exemplo, em *post-scriptum*, seis poemas que Pessoa teria composto “na pele de Campos” (Lopes, in Pessoa 2002: 41). A meu ver, muitas edições pessoanas, no futuro, terão de ter uma secção como esta, não porque Pessoa entre com frequência “na pele de Campos”, ou de uma outra figura, mas porque os textos que não têm uma atribuição exacta poderão sempre ser ou não atribuíveis a uma determinada figura, ou estarem ou não na fronteira entre dois ou mais universos. Falamos de figuras ou obras, porque um texto pode ser atribuído a um autor e/ou a uma obra. Assim, na edição crítica do *Livro do Desasocego*, separam-se os textos atribuíveis ao *Livro* – que teve pelo menos três autores: Pessoa, Guedes e Soares – dos textos não atribuíveis ao *Livro*, e os “Textos com destinação múltipla” (como aquele encabeçado por “A. de C. (?) ou L. do D. (ou outra coisa qualquer)”, Pessoa 2010: I, 475) dos “Textos sem destinação certa”, que tanto poderiam ter entrado ou não no *Livro*, duas conjecturas impossíveis de verificar. Nós nunca saberemos que fragmentos iriam compor o *Livro*, porque essa é uma obra que Fernando Pessoa nunca chegou a confeccionar. Se o tivesse feito, teria tido de incluir alguns excertos e excluir outros, duas tarefas que hoje realizam os seus editores com acidentes que também lhes pesam “como grandes fardos no [s]eu discernimento espiritual”.

No caso da *Prosa de Álvaro de Campos* – que se pode estender a outros casos –, o motivo pelo qual lancei o repto de procurar o *Maybe Campos*, depois de ter estabelecido o *Clearly Campos*, foi muito simples. Primeiro era necessário que nós, os editores, nos familiarizássemos muito bem com o que era com certeza Campos, antes que pudéssemos sugerir o que talvez fosse e o que definitivamente não era Campos. E quando digo que era preciso que nos familiarizássemos muito bem com o que era Campos, sem sombra de dúvida, não digo Campos apenas enquanto prosador, digo Campos enquanto escritor. Explico melhor: a unidade de Campos não está dada apenas pelo conjunto de textos em que o seu nome figura antes ou depois de um texto (nos quais o nome Campos funciona como um para-texto), porque, nesse caso, bastaria reunir o que Pessoa deixou devidamente identificado. Tal é necessário, mas não é suficiente, porque nem todo o Campos se encontra devidamente identificado. A unidade de Campos também não reside apenas no conjunto de

textos que conformam o dossiê genético de uma obra como o *Ultimatum*, por exemplo, porque então bastaria reunir todo o material preparatório dessa obra, o que é necessário, mas não suficiente, visto ser também preciso estabelecer a partir de que momento Campos se tornou o autor de uma dada obra, o que pode não ter sido imediato, atendendo a que as atribuições, tal como as assinaturas, costumam ser um gesto retrospectivo. A unidade de Campos também nos é dada pelo tempo e pela língua, porque se trata de uma figura que só terá surgido e só começou a escrever por volta de 1914, embora tenhamos também de desconfiar de muitas das datas inventadas e fornecidas por Pessoa (Caeiro não deixou de escrever, por exemplo, depois da sua suposta morte em 1915...). Por fim, a unidade de Campos também nos é facultada pela materialidade dos suportes, embora Pessoa tenha feito uso dos mesmos suportes materiais para compor textos de diversos autores. Contudo, é neste último sentido que afirmo ser necessário que nos familiarizemos com Campos enquanto escritor, e não apenas enquanto prosador, porque, para além da unidade semântica que possa existir, por exemplo, nas “Notas para a Recordação do meu Mestre Caeiro”, também existe uma unidade material, já que essas notas estão manuscritas ou dactilografadas em suportes afins e em suportes que Pessoa só utilizou durante certos anos. Isto quer dizer que o editor pode afinar os seus olhos de leitor e com esses olhos percorrer uma série de textos para estabelecer quando Pessoa entra na “pele de Campos”, ou pode também (e uma estratégia complementa a outra) afinar os seus olhos de paleógrafo e com esses olhos percorrer uma série de autógrafos à procura de outros afins aos já localizados. A meu ver, certas unidades parciais, quer se denominem Campos, quer se denominem Caeiro, quer se denominem Reis, só poderão ser criticamente estabelecidas de uma maneira mais definitiva quando os olhos do paleógrafo vierem complementar os do leitor.

Isto faz-me recordar uma passagem do texto da conferência de Foucault acerca do que é um autor. Note-se que já sugeri, até ao momento, vários critérios em que se pode basear a conjectura sobre a autoria de um texto nos casos em que o nome do autor não figure no cabeçalho ou no traço de uma assinatura. Primeiro, se admitimos que um projecto literário, a partir de um dado momento, é atribuído a um certo autor – o caso do *Ultimatum* –, podemos assumir que todos os fragmentos destinados a esse projecto também lhe são

atribuíveis, mesmo que o seu nome só figure em alguns deles. Segundo, um autor tende a constituir uma unidade temporal (digamos 1914-1935) e às vezes linguística (digamos o português). Terceiro, um autor tende a utilizar certos suportes e instrumentos de escrita (digamos um tipo de folha timbrada, uma caneta preta e um lápis azul); além disso, costuma recorrer a certas fórmulas e abreviaturas, e tende a corrigir com certos padrões. Mas os critérios são potencialmente infinitos. Cito Foucault, que, por sua vez, cita quatro de entre esses critérios:

Na obra *De Viris Illustribus*, São Jerónimo explica que a homonímia não chega para identificar de forma legítima os autores de várias obras: indivíduos diferentes podiam ter o mesmo nome, ou um deles poderia ter-se apoderado abusivamente do patronímico do outro. Quando nos referimos à tradição textual, o nome não é suficiente como marca individual. Então como atribuir vários discursos a um só e mesmo autor? Como pôr em acção a função autor para saber se estamos perante um ou vários indivíduos? São Jerónimo apresenta quatro critérios: se entre vários livros atribuídos a um autor, houver um inferior aos restantes, deve-se então retirá-lo da lista das suas obras (o autor é assim definido como um certo nível constante de valor); do mesmo modo, se alguns textos estiverem em contradição de doutrina com as outras obras de um autor (o autor é assim definido como um certo campo de coerência conceptual ou teórica); deve-se igualmente excluir as obras que são escritas num estilo diferente, com palavras e maneiras que não se encontram habitualmente nas obras de um autor (trata-se aqui do autor como unidade estilística); finalmente, devem ser considerados como interpolados os textos que se referem a acontecimentos ou que citam personagens posteriores à morte do autor (aqui o autor é encarado como momento histórico definido e ponto de encontro de um certo número de acontecimentos). Ora, a crítica literária moderna, mesmo quando não tem a preocupação de autenticação (o que é a regra geral), não define o autor de outra maneira (...) (Foucault 2000: 51-53)¹⁶

Naturalmente, Pessoa teria feito ensandecer São Jerónimo se este tivesse descoberto o seu espólio séculos mais tarde e não soubesse que esse espólio múltiplo e diverso pertencia a um único escritor que buscou ser múltiplos. Um leitor não pode pedir a Pessoa, nem a Pessoa *qua* Campos, um nível constante de valor (o Campos das “Notas” é muito superior ao Campos de outros apontamentos); nem pode exigir a Pessoa, nem a Pessoa *qua* Caeiro, um campo de coerência conceptual (o Caeiro de “O Guardador de Rebanhos” não é o

Caeiro de “O Pastor Amoroso”); nem pode esperar de Pessoa, ou de Pessoa *qua* Campos, uma unidade estilística (o Campos decadentista não é o Campos futurista); nem pode querer que Pessoa *qua* Caeiro se circunscreva a um momento histórico definido (o Caeiro que escreve depois da data da sua morte lembra-nos Brás Cubas). Note-se que não posso incluir o próprio Pessoa como exemplo deste último critério, porque Pessoa, de facto, nasceu em 1888 e morreu em 1935, e só a brincar algumas pessoas dizem que continua a escrever a partir do céu; e que também não incluí Ricardo Reis, porque em Reis encontramos unidade estilística, uma grande coerência conceptual e um nível de valor razoavelmente constante. Os critérios de São Jerónimo, como outros, não são despropositados, mas são bastante limitados, e a obra pessoana revela bem até que ponto o são realmente. Além disso, São Jerónimo estava preocupado com a “autenticação” de textos, preocupação compreensível numa época em que circulavam cópias apógrafas, mas não tanto numa época em que existem originais autógrafos.

Seja como for, o que interessa neste caso, como noutros, é a tentativa de estabelecer algumas bases que sirvam para discutir a atribuição de um texto a um dado autor. No início sugeri uma distinção entre a conjectura baseada num testemunho e a conjectura baseada no engenho, e disse que ia considerar a segunda.

Antes de continuar convém fazer um outro esclarecimento. Pessoa costumava fazer listas de projectos e algumas dessas listas têm servido quer para estruturar certas obras (as *Obras de Jean Seul de Méluret* seguem uma lista que se encontra na ficha bio-bibliográfica de Jean Seul), quer para atribuir certos textos aos seus projectados autores (vários poemas não assinados por Search foram-lhe atribuídos por estarem referenciados em listas de poemas de Search¹⁷). No caso destes poemas, o editor recorreu a um original autógrafo para resolver uma dúvida (quem é o autor fictício?), já que esse original continha uma referência a Alexander Search, mas não baseou a sua conjectura (“estes poemas são de Search”) em testemunhos respectivos desses poemas. Ora, na medida em que a presença do título de um poema numa lista identificada com o nome de Search constitui um testemunho, embora parcial, desse poema, este caso, no qual a atribuição se resolve pela consulta de um documento do espólio pessoano, pode considerar-se, de certo modo, uma conjectura

baseada num testemunho. E a verdade é que este tipo de conjectura, tanto no caso de uma emenda como no de uma atribuição, é a mais fiável e aquela a que convém recorrer sempre que possível. Mas como emendar ou atribuir na ausência de um testemunho? Resta-nos o engenho, a *adivinatio*, como último recurso, mas um recurso que foi e é muito utilizado quando não há outros elementos ou testemunhos de apoio.

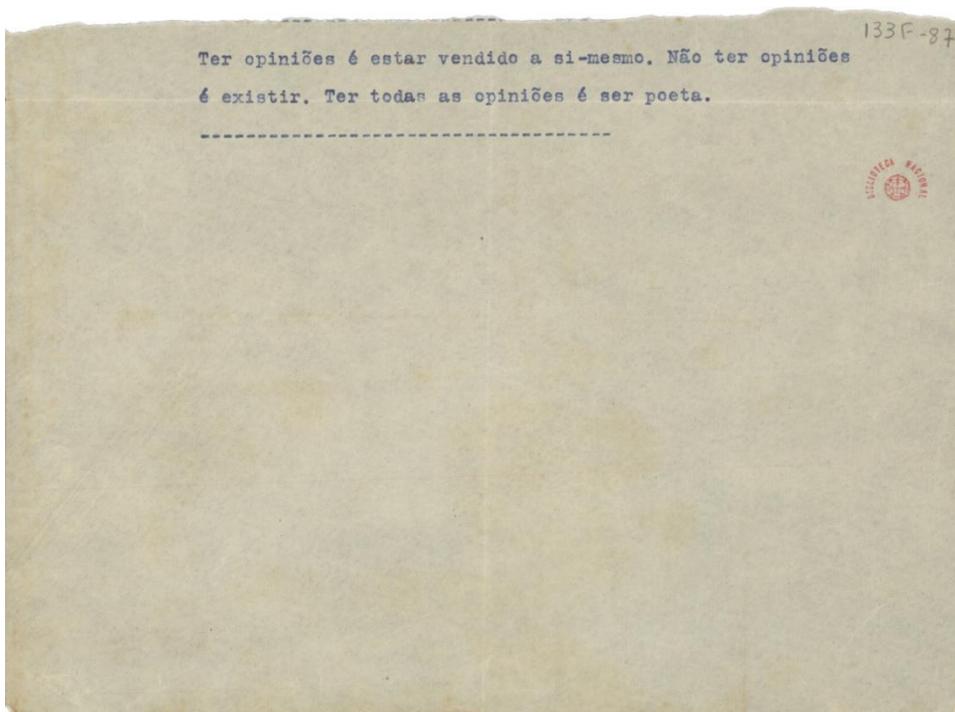
Falta-nos agora examinar alguns textos do espólio pessoano em que o nome de um autor está ausente e cuja autoria foi estabelecida quer com base em testemunhos, quer no engenho.

Em *Prosa de Álvaro de Campos* o texto que me parece mais representativo da primeira situação é o seguinte:

[c. 12-11-1930]

14 [133F-87r]

Ter opiniões é estar vendido a si-mesmo. Não ter opiniões é existir. Ter todas as opiniões é ser poeta.



Cito também as notas finais:

14 [133F-87^r]

A metade inferior de uma folha de papel de máquina dactilografada a tinta azul. A folha terá sido rasgada ao meio para conservar apenas o texto editado. Foi publicado por T. Sobral Cunha em *Livro do Desassossego* (1990-1991: I, 232). R. Zenith também o publicou como sendo um trecho do *Livro* – o 212 na edição de 1998 –, mas depois substituiu-o por outro fragmento (“Sim o racional e real”) que também recebeu o número de ordem textual 212. Esta operação, que torna relativa a numeração dos trechos da edição do *Livro do Desassossego* da Assírio & Alvim, e justificada na “nota à 7.^a edição” (2007), assim: “[o trecho ‘Ter opiniões e estar vendido a si-mesmo.’] foi agora excluído, por ter sido escrito pelo autor noutra suporte (um livro de autógrafos de Luís Pedro Moitinho de Almeida [em data de 12 de Novembro de 1930]) como sendo de Álvaro de Campos. No seu lugar (Trecho 212) publicamos um apontamento inédito”. Incluímos, pois, o fragmento em questão (“Ter opiniões é estar vendido a si-mesmo.”) no corpus da prosa de Álvaro de Campos. Note-se que o texto lembra algumas frases do folheto aviso por causa da moral (Europa, 1923): “Ser novo é não ser velho. Ser velho é ter opiniões. Ser novo é não querer saber de opiniões para nada”. Veja-se o livro *Fernando Pessoa no Cinquentenário da sua Morte*, de L. P. Moitinho de Almeida (1985: 117).

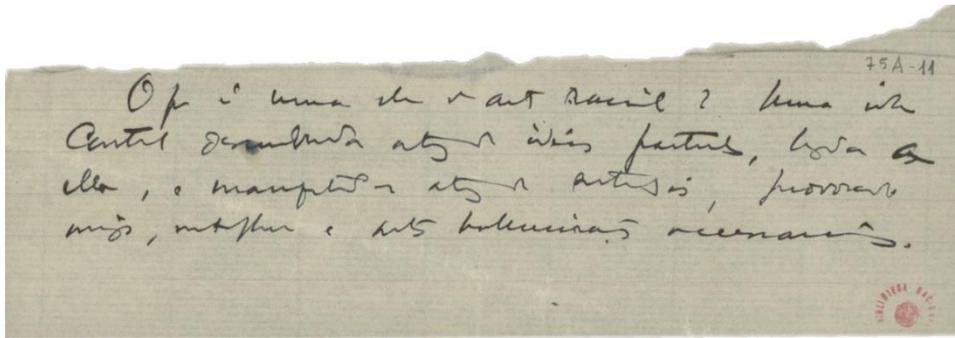
Neste caso, uma série de aforismos que já tinham integrado pelo menos duas edições do *Livro do Desasocego* – na ortografia de Pessoa – migraram para a *Prosa de Álvaro de Campos* graças a um testemunho conservado num livro de um amigo e colega de um dos escritórios onde Pessoa trabalhou. A série não está assinada no autógrafo à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal, mas encontra-se identificada no livro de Moitinho de Almeida.

Da segunda situação, e também em *Prosa de Álvaro de Campos*, o texto que me parece mais representativo é este:

[c. 1924]

90 [75A-11^r]

O que é uma obra de arte racional? Uma ideia central desenvolvida através de ideias particulares, ligadas a ela, e manifestada através de sentimentos, provocando imagens, metáforas e outras hallucinações necessárias.



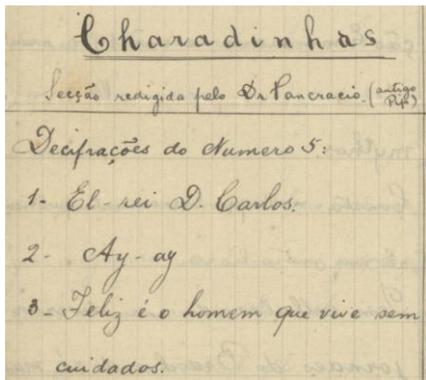
Neste caso, a referência a uma obra de “arte racional” (cf. o texto “A influência da engenharia nas artes racionais”), a temática do texto, a localização da folha no espólio (75A é uma área que contém outros textos dispersos de Campos) e a aparência material do suporte da escrita, que era afim a outros (a 75A-8 y 75A-9, por exemplo: o mesmo tipo de folha de papel com pautas ténues, manuscrita a tinta preta e com intervenções a lápis), fez com que a atribuição fosse relativamente segura. O arquivo iluminou e reforçou a decisão, mas esta decisão não deixa de comportar um certo grau de conjectura de índole interpretativa, na medida em que não existe uma atribuição autoral explícita.

No espólio de Fernando Pessoa, os textos em que o nome de um autor está ausente são a regra e não a exceção. Neste sentido, o ideal seria que a publicação da *Prosa de Álvaro de Campos* servisse não só para conhecer melhor Campos, mas também para gerar uma discussão produtiva sobre a atribuição literária, da qual depende a construção das obras pessoanas, que estão a ser emendadas, organizadas e definidas postumamente. O espólio do escritor português problematiza praticamente todas as questões da crítica textual moderna, algumas das quais já antigas, e é um caso paradigmático à disposição dos investigadores portugueses interessados em participar nas discussões que suscitam os espólios de outros escritores no mundo inteiro. Como tão bem sabia Fernando Pessoa, “O Ganges passa também pela Rua dos Douradores” (*Livro do Desasocego*, 2010: I, 188).

Apêndice:

Heranças e substituições

1. O Dr. Pancrácio herda a secção de um jornal redigida por Pip (1902) (87-24a^r; inédito).



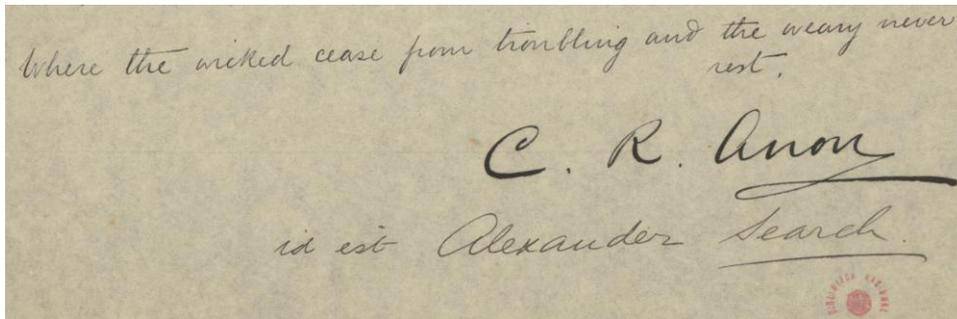
Dr. Pancrácio (antigo Pip)

2. David Merrick é substituído por Charles Robert Anon (1903-1904) (153-9^v; cf. Pessoa, *Cadernos*, 2009: 112).

~~XXXXXXXXXX~~ C.R. Anon.

Tales: - (20 in number).		words
The Madman's Tale. (daughter lost)	X	5000
The Squire's Tale. (soldier went to the wars/never waiting)	X	5000

3. Alexander Search herda a obra de Charles Robert Anon (1906-1907) (78B-55^r; cf. Pessoa, *Poemas de Alexander Search*, 1997: II, 336).



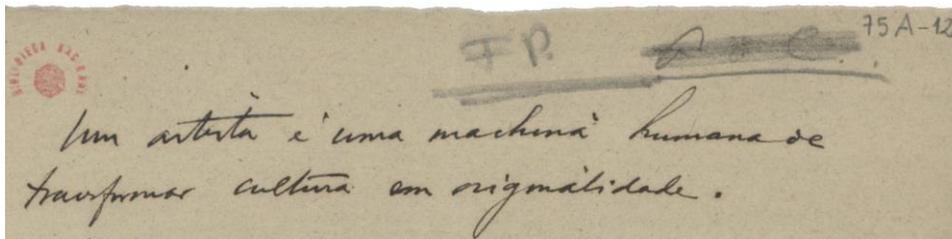
Where the wicked cease from troubling and the weary never rest.

C. R. Anon

id est Alexander Search.

A red circular stamp is visible in the bottom right corner of the paper.

4. Álvaro de Campos é substituído por Fernando Pessoa (1924) (75A-12r; cf. Pessoa, *Prosa de Álvaro de Campos*, 2012: 363).



75A-12

FP

Um artista é uma máquina humana de transformar cultura em originalidade.

A red circular stamp is visible in the bottom left corner of the paper.

Bibliografia

- Borges, Jorge Luis (2005), *El Hacedor*, in *Obras completas*, tomo II, Buenos Aires, Emecé, Nova edição revista e corrigida em 4 tomos.
- Castro, Ivo/ Dionísio, João/ Prista, Luís/ Silveira, José Nobre da (1992), “Eliezer: ascensão e queda de um romance pessoano”, *Revista da Biblioteca Nacional*, série 2, vol. 7, n.º 1 (Jan.-Jun.): 75-136.
- Cavalcanti Filho, José Paulo (2011), *Fernando Pessoa: uma quase autobiografia*, Rio de Janeiro, São Paulo, Editora Record.
- Dal Farra, Maria Lúcia (1997), “Florbela: Um Caso Feminino e Poético”, in *A Planície e o Abismo* (Actas do Congresso sobre Florbela Espanca realizado na Universidade de Évora, de 7 a 9 de Dezembro de 1994), Évora, Veja: 145-161.
- Foucault, Michel (2000), *O que É um Autor?* Tradução de António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro, Lisboa, Veja, 4.ª edição.
- (1969), “Qu'est-ce qu'un auteur?”, in *Bulletin de la Société Française de Philosophie*, Setembro : 73-104.
- Galhoz, Maria Aliete (2007), “O Equívoco de Coelho Pacheco”, in Duarte, Luiz Fagundes/ Oliveira, António Braz de (orgs.), *As Mãos da Escrita*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal: 374-377. 25 anos do Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea (ACPC). <http://purl.pt/13858/1/volta-textos/equivoco-coelho-pacheco.html>
- Gomes, Jesué Pinharanda (1969), “Fernando Pessoa, pensador (na Publicação dos Inéditos em Prosa)”, in *Pensamento Português I*, Braga, Pax: 70-78.
- Jackson, David K. (2010), *Adverse Genres in Fernando Pessoa*, Oxford, New York, Oxford University Press.
- Lopes, Teresa Rita (2011a), “O seu a seu dono”, in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, n.º 1058, 20 de Abril a 3 de Maio: 10-11. <http://jornaldeletras.assineja.pt/V/principal/1058>
- (2011b), “Pessoa desapossado de Coelho Pacheco” [o título figura no índice, não no pdf], in *Modernista – Revista do Instituto de Estudos Sobre o Modernismo*, vol. 1, n.º 1, Lisboa: 117-127. <http://www.iemodernismo.org/ojs3/index.php/Modernista/article/viewFile/18/1>
- (1990a), *Pessoa por Conhecer I. Roteiro para uma exposição*, Lisboa, Estampa.

- (1990b), *Pessoa por Conhecer II. Textos para um novo mapa*, Lisboa, Estampa.
- Pessoa, Fernando (2012a), *Teoria da Heteronímia*, Edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim.
- (2012b), *Prosa de Álvaro de Campos*, Edição de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello, Lisboa, Ática (Obras de Fernando Pessoa; Nova Série).
- (2012c), *Plural como el universo*, Edição bilingue, tradução e notas de Jerónimo Pizarro, Medellín, Tragaluz.
- (2010), *Livro do Desasocego*, Edição de Jerónimo Pizarro, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda (Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior; 12).
- (2009a), *Sensacionismo e Outros Ismos*, Edição de Jerónimo Pizarro, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda (Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior; 10).
- (2009b), *Cadernos*, Edição de Jerónimo Pizarro, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda (Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior; 11, t. 1).
- (2006a), *Obras de Jean Seul de Méluret*, Edição de Rita Patrício e Jerónimo Pizarro, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda (Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior; 8).
- (2006b), *Escritos sobre Génio e Loucura*, Edição de Jerónimo Pizarro, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda (Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior; 7).
- (2002), *Álvaro de Campos – Poesia*, Edição de Teresa Rita Lopes, Lisboa, Assírio & Alvim.
- (1997), *Poemas de Alexander Search*, in *Poemas Ingleses*, Edição de João Dionísio, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda (Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, 5; Poemas Ingleses, t. 2).
- (1992), *Poemas de Álvaro de Campos*, Edição de Cleonice Berardinelli, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda (Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Menor).
- (1966), *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, Edição de Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, Lisboa, Ática.
- Pizarro, Jerónimo (2012a), *La Mediación Editorial: Sobre la Vida Póstuma de lo Escrito*, Madrid, Iberoamericana, Frankfurt am Main, Vervuert.
- (2012b), *Pessoa Existe?*, Lisboa, Ática (Ensaística Pessoaana).
- Santos, Irene Ramalho (2003), *Atlantic Poets: Fernando Pessoa's Turn in Anglo-American Modernism*, Hanover, London, University Presses of New England. Existe versão portuguesa: *Poetas do Atlântico: Fernando Pessoa e o Modernismo Anglo-Americano*. Porto: Edições Afrontamento, 2007.

Sena, Jorge de (1981-1982), *Fernando Pessoa & C.^a Heterónima: Estudos Coligidos 1940-1978*, Lisboa, Edições 70., 2 vol.

Sepúlveda, Pedro. (2012), *Os Livros de Fernando Pessoa*, Lisboa, FCSH, Universidade Nova de Lisboa. Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Estudos Portugueses / Estudos de Literatura, realizada sob a orientação científica do Professor Abel Barros Baptista.

Stoker, Michäel (2009), *Fernando Pessoa: De Fictie Vergezelt mij als Mijn Schaduw*, Utrecht, Uitgeverij IJzer.

Tabucchi, Antonio (1990), *Un Baule pieno di Gente: Scritti su Fernando Pessoa*, Milano, Feltrinelli Editore.

Zenith, Richard (2008), "A Importância de não Ser Oscar? Pessoa Tradutor de Wilde", *Egoísta*, número especial, Lisboa, Junho: 30-47.

NOTAS

¹ Cf. esta passagem de um texto intitulado *Aspectos*, uma espécie de prefácio às obras de Caeiro, Reis, Mora *et al.*: “A dentro do meu mester, que é o litterario, sou um profissional, no sentido superior que o termo tem; isto é, sou um trabalhador científico, que a si não permite que tenha opiniões extranhas á especialização litteraria, a que se entrega. E o ter nem esta, nem aquella, opinião philosophica a proposito da confecção d’estas pessoas-livros, tampouco deve induzir a crer que sou um sceptico.” (20-73, in *Livro do Desasocego*, Pessoa 2010: I, 447).

² Cf. a frase “Sê plural como o universo” (20-68^r), publicada pela primeira vez em *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação* (1966) e recentemente referida no título a uma antologia bilingue de textos sobre os heterónimos: *Plural como el universo* (2012).

³ Cf. o título do livro de Antonio Tabucchi, *Un baule pieno di gente* (1990).

⁴ Trata-se de uma distinção estabelecida por Fernando Pessoa em 1928 na sua “Tábua bibliográfica”; ver Sepúlveda (2012) e Pizarro (2012b).

⁵ Teresa Rita Lopes apresentou em 1990, em *Pessoa por Conhecer*, uma lista de 72 *dramatis personae*; Michäel Stoker, em 2009, em *Fernando Pessoa: de fictie vergezelt mij als mijn schaduw*, uma de 83 figuras; José Paulo Cavalcanti Filho, em 2011, em *Fernando Pessoa: uma quase autobiografia*, uma de 127 heterónimos; e Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, em 2012, em *Teoria da Heteronimia*, uma de 106 heterónimos e autores fictícios.

⁶ “descernimento”, no original.

⁷ “compoição”, no original.

⁸ Sobre José Coelho Pacheco, ver Galhoz 2007, Lopes 2011a e Lopes 2011b; sobre Eliezer Kamenesky, ver Castro *et al.* (1992); sobre Oscar Wilde, ver Zenith (2008) e Pizarro (in Pessoa 2010: II, 540-541); sobre Florbela Espanca, ver Pizarro 2012b (*apud* Dal Farra 1997); sobre Raul Leal, ver Gomes (1969) e Pizarro (2012b).

⁹ Lembro que Cleo Pires, uma actriz brasileira, apareceu na edição de Agosto de 2010 da revista *Playboy* com uma tatuagem na parte lateral da coxa de um suposto texto de Fernando Pessoa, que começava “Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas”. Veja-se: <http://blog.umfernandopessoa.com/2010/08/cleo-pires-na-playboy-uma-tatuagem.html> Nesse mesmo blog de Nuno Hipólito, cf. também: <http://blog.umfernandopessoa.com/2008/04/sobre-os-textos-apcrifos-de-fernando.html> Consulte-se também um site brasileiro, com a categoria “Apócrifos”: <http://www.pessoa.art.br/?cat=10> Esse site esclarece que a letra da canção “Amigo aprendiz”, que foi seleccionada pela revista norte-americana *The Atlantic* como uma das 12 melhores baladas a ouvir em 2012, não é de Fernando Pessoa; veja-se a notícia em http://sol.sapo.pt/inicio/Cultura/Interior.aspx?content_id=60922.

¹⁰ Esta expressão é utilizada em Pizarro (2012a). Cf. o texto inicial de um capítulo de F. Pessoa, *Sensacionismo e Outros Ismos* (2009: 103): “Os seis poemas interseccionistas da série ‘Chuva Oblíqua’ foram inicialmente atribuídos a Alberto Caeiro (48-27^r; ver ‘Projectos’); pouco depois a Álvaro de Campos (carta de 4-10-1914 a Côrtes-Rodrigues; ver ‘Correspondência’); e finalmente a Fernando Pessoa, que assim os publicou em *Orpheu*, n.º 2. Aí surgiram datados de 8 de Março de 1914, isto é, com a data que Pessoa daria mais tarde – não sem hesitações prévias – ao célebre ‘dia triumphal’”. Os poemas de “Chuva Oblíqua” também foram atribuídos por Fernando Pessoa a Bernardo Soares; cf. *Livro do Desasocego* (Pessoa, 2010: II, 452).

¹¹ Cf. “[...] los editores [de Fernando Pessoa] no siempre han resuelto las situaciones de autoría incierta de la misma manera, pues toda atribución póstuma depende de una interpretación previa, más o menos subjetiva. Así, el texto prologal que comienza ‘Me pidieron los parientes de Alberto Caeiro’ [52A-37 y 38] fue atribuido a António Mora en 1990 (*Pessoa por Conhecer*), a Ricardo Reis en 1994 (*Poemas Completos de Alberto Caeiro*), a Mora nuevamente en 2002 (*Obras de Antonio Mora*), y otra vez a Reis en 2003 (*Prosa*)”, in Pizarro (2012a: 60).

¹² Esta expressão encontra-se na “Tábua bibliográfica” (1928), publicada na revista *presença*, n.º 17.

¹³ Cf. “Mantenho, é claro, o meu propósito de lançar pseudonimamente a obra Caeiro-Reis-Campos. Isso é toda uma literatura que eu criei e vivi, que é sincera, porque é sentida, e que constitui uma corrente com influência possível, benéfica incontestavelmente, nas almas dos outros”(Pessoa 2009: 356; cf. 576).

¹⁴ Cf. “Foi o dia triumphal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com um título, “O Guardador de Rebanhos”. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase: apparecera em mim o meu mestre. Foi essa a sensação immediata que tive” (Pessoa 2006: I, 461).

¹⁵ Sobre este poema já escreveram páginas muito interessantes Irene Ramalho de Santos (2003: 260-264) e David Jackson (2010: 84- 85). Jackson lembra que a Equipa Pessoa incluiu o poema na produção de Campos, mas Teresa Rita Lopes rejeitou essa semi-atribuição (“semi”, porque está numa secção especial do volume). Para Jackson o poema ilustra “many of the problematic intersections between self, writing style, and literary identity” (2010: 84), já que as primeiras onze linhas do poema parecem de Álvaro de Campos, ou Fernando Pessoa, mas as últimas seis parecem de Ricardo Reis.

¹⁶ Cf. “Dans le *De viris illustribus*, saint Jérôme explique que l'homonymie ne suffit pas à identifier d'une façon légitime les auteurs de plusieurs œuvres: des individus différents ont pu porter le même nom, ou l'un a pu, abusivement, emprunter le patronyme de l'autre. Le nom comme marque individuelle n'est pas suffisant lorsqu'on s'adresse à la tradition textuelle. Comment donc attribuer plusieurs discours à un seul et même auteur ? Comment faire jouer la fonction-auteur pour savoir si on a affaire à un ou plusieurs individus ? Saint Jérôme donne quatre critères : si parmi plusieurs livres attribués à un auteur, l'un est inférieur aux autres, il faut le retirer de la liste de ses œuvres (l'auteur est alors défini comme un certain niveau constant de valeur); de même, si certains textes sont en contradiction de doctrine avec les autres œuvres d'un auteur (l'auteur est alors défini comme un certain champ de cohérence conceptuelle ou théorique) ; il faut également exclure les œuvres qui sont écrites dans un style différent, avec des mots et des tournures qu'on ne rencontre pas d'ordinaire sous la plume de l'écrivain (c'est l'auteur comme unité stylistique) ; enfin on doit considérer comme interpolés les textes qui se rapportent à des événements ou qui citent des personnages postérieurs à la mort de l'auteur (l'auteur est alors moment historique défini et point de rencontre d'un certain nombre d'événements). Or la critique littéraire moderne, même lorsqu'elle n'a pas de souci d'authentification (ce qui est la règle générale), ne définit guère l'auteur autrement [...]” (Foucault 1969 : 83).

¹⁷ Cf. uma passagem da introdução de João Dionísio à poesia de Alexander Search: existe um “[...] conjunto de poemas que, tendo começado por ser atribuídos a Charles Robert Anon, vêm depois a ser reconhecidos como de Search: ou porque na última redacção figura a assinatura deste, no lugar da de Anon; ou porque, só tendo sido localizado um testemunho, e assinado Anon, elencos de poemas de Search posteriores a essa redacção mencionam o texto em causa. Atenção especial merece o testemunho F (78B-53^r a 55^r) de *Elegy on the marriage of my dear friend Mr. Jinks* cuja atribuição, na margem inferior esquerda da última página, dá a ler: ‘C. R. Anon id est Alexander Search’, síntese emblemática da passagem da função autoral” (in Pessoa 1997: II, 9).